

Pressupostos sobre ser professor de crianças de 0 a 3 anos

Flávia Rodrigues Costa¹

RESUMO

Trabalhar com música na Educação Infantil melhora a sensibilidade, o raciocínio lógico e a expressão corporal dos alunos. E eles vão se desenvolver brincando, respeitando regras, trabalhando em grupo, se comunicando e se expressando integralmente. O objetivo foi investigar a importância da música no processo de desenvolvimento das crianças da educação infantil de 0 a 3 anos. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica. A função da música na Educação Infantil é levar as crianças a interagirem e se expressarem por meio de diferentes linguagens (oral, escrita, plástica, musical e corporal). A experiência com a música antes da alfabetização é muito importante e produtiva como auxiliar no trabalho pedagógico. Observa-se que ao se permitir que a música faça parte das atividades em sala de aula, de modo planejado, embasado em teorias, estruturado como estratégia pedagógica, se estará tornando relevante a educação infantil como parte integrante da educação básica, já que pode vir a proporcionar preparação para a aquisição de competências da leitura e escrita nas crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Educação infantil; Lúdico; Música; Aprendizagem.

ABSTRACT

Teaching with music in Early Childhood Education improves students' sensibility, logical thinking, and body language. And they will develop by playing, respecting rules, working in groups, communicating and expressing themselves integrally. The objective was to investigate the importance of music in the development process of children in early childhood education and in this aspect there was a description of the importance of play in Early Childhood Education, an indication of the benefits generated by the use of music in child development in Early Childhood Education and How it is possible to make the classes more attractive and joyful through music, of Early Childhood Education. The methodology used was bibliographic research. The function of music in Early Childhood Education is to get children to interact and express themselves through different languages (oral, written, plastic, musical and body language). The experience with music before literacy is very important and productive as an aid to the pedagogical work. It is observed that by allowing music to be part of classroom activities, in a planned way, based on theories, structured as a pedagogical strategy, it will be becoming relevant to early childhood education as an integral part of basic education, since it may come To provide preparation for the acquisition of reading and writing skills in children.

KEYWORDS: Child education; Playful; Music; Learning.

¹Graduada em Pedagogia pela Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos; Pós-Graduada em Psicopedagogia pela Faculdade da Aldeia de Carapicuíba, São Paulo. flavitacosta@yahoo.com.br.

Introdução

A música é arte, uma das mais belas criações humanas, uma forma de comunicação e de sensibilização. Por isso, dificilmente se vai encontrar alguém que não aprecie ou não tenha uma música na memória que marque um acontecimento, lugar, espaço e tempo.

Por meio de atividades lúdicas a criança estrutura e constrói seu mundo interior e exterior. Pela música, a criança se expressa a si mesma, suas emoções, seus sentimentos e suas fantasias, e por meio da experiência e aprendizagem, modifica sua maneira de pensar e de agir.

Com a música em sala de aula, os professores podem desenvolver o prazer de ouvir e fazer música; proporcionar momentos de prazer; contribuir para resgatar o nosso patrimônio cultural, utilizando canções folclóricas e populares; desenvolver a criatividade, a socialização, a autonomia. A criança aprende a cantar ao mesmo tempo em que aprende a falar.

Trabalhar com música na Educação Infantil de 0 a 3 anos melhora a sensibilidade, o raciocínio lógico e a expressão corporal dos alunos. E eles vão se desenvolver brincando, respeitando regras, trabalhando em grupo, se comunicando e se expressando integralmente.

Sendo assim, o tema se justifica pelo fato do lúdico ser importante da Educação Infantil e uma das formas de desenvolvê-lo é pela música que pode contribuir para o processo de desenvolvimento das crianças.

O problema da pesquisa é responder: A música é importante no processo de desenvolvimento das crianças da Educação Infantil de 0 a 3 anos?

O objetivo geral foi investigar a importância da música no processo de desenvolvimento das crianças da educação infantil. Os objetivos específicos: descrever a importância do lúdico na Educação Infantil; indicar os benefícios gerados pelo uso da música no desenvolvimento da criança na Educação Infantil e verificar como é possível tornar as aulas mais atraentes e alegres por meio da música, na Educação Infantil.

A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica.

Importância do lúdico na educação infantil

A construção do conhecimento do aluno perpassa dentro de muitos objetivos de recursos pedagógicos, dentre tantos, o jogo deve ser encarado como tal recurso pedagógico, com as devidas funções educacionais, de ensinar sentido na construção do conhecimento.

Woodward (2010) afirma que ao passo de que qualquer atividade orientada deva passar o crivo de que o educando note o jogo como oportunidade de conhecer outras dinâmicas de aprendizado, atrelada a mediação do professor, possuir característica educacional e de ação livre, endossada ao prazer de jogar e conhecer as regras, com finalidade de sistematizar descobertas e aguçar curiosidade e aprimoramento de seus saberes.

Para Oliveira (2011), as reflexões sugeridas com base em um denso referencial teórico sobre a ludicidade têm como objetivo pensar o lúdico como recurso pedagógico utilizado de forma significativa para o educando, uma vez que as concepções de educação atuais, pensadas e sistematizadas com base na Constituição Brasileira 1988, Estatuto da Criança e do Adolescente Lei 8.069/1990 e, principalmente, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/1996).

Deve-se incentivar a prática pedagógica de jogos e brincadeiras na escola como um meio de proporcionar a aprendizagem e do desenvolvimento infantil. A ludicidade se define pelas ações do brincar que são organizadas em três eixos: o jogo, o brinquedo e a brincadeira.

“[...] muitos professores têm a ideia de que permitindo o brincar livres às crianças causarão bagunça, desordem e indisciplina em sala de aula” (HORN, 2007, p. 58).

Para Horn (2007), ensinar por meio da ludicidade é considerar que a brincadeira faz parte da vida do ser humano e que por isso, traz referências da própria vida do sujeito.

A ludicidade possui, dentro das normativas de pesquisas pedagógicas, objetivos educacionais. Dirigida devidamente e sob a devida orientação, suas finalidades pedagógicas contemplam como fonte de meios, onde em sua prática, posterga garantir ao aluno de que as regras do jogo não demonstram ter apenas a finalidade de competir e ganhar, mas de perceber seu ponto espacial da sala, sua função auxiliar, sua propositura em possibilitar contribuir com o jogo com novas regras, alternativas de jogabilidade.

Cabe mostrar ao aluno do senso de coletividade, cooperação, divisão de papéis, distribuição devida dos recursos do jogo, altruísmo em reconhecer o limite do colega.

Definir objetivos, explicar a origem do jogo, saber arrumar a sala antes, durante e depois do jogo, saber selecionar o brinquedo de acordo com a brincadeira ou a situação do jogo são aptidões diárias que se deve ressaltar, atitudes estas de cunho pedagógico que podem abranger até mesmo a literatura especializada em ilustrar aos alunos o quanto a brincadeira pode ser abrangente em diferentes áreas e na formação do conhecimento dos alunos, e não uma aula pra “enrolar” ou passar o tempo (RAU, 2011).

Nessa perspectiva, os estudos de Santos (2004, p. 14) definem bem essa questão:

A formação lúdica se assenta em pressupostos que valorizam a criatividade, o cultivo da sensibilidade, a busca da afetividade, a nutrição da alma, proporcionando aos futuros educadores vivências lúdicas, experiências corporais, que se utilizam da ação, do pensamento e da linguagem, tendo no jogo sua fonte dinamizadora.

Desmistifica, assim, especulações de que o momento lúdico dos jogos e aprendizados artísticos sejam um passatempo, que não possua possibilidade de aprendizagem ou cunho pedagógico, pelo fato de relatarem, em termos nada científicos, de que os conteúdos apresentados no nível infantil são sistematizados para alunos de educação fundamental, o que cabe ao professor estimulação e sensibilização, qualificar as regras e compassar do jogo, adequando à idade dos alunos e perder o medo de que o aluno não consegue.

Com o devido planejamento, o aluno pode assimilar e acomodar o lúdico artístico em seu ambiente escolar, assim como hoje em dia, boa parte de utiliza de meios tecnológicos e cada vez mais cedo, conseguem manusear aparelhos, antes dominante do mundo juvenil-adulto (SANTOS, 2004).

A prática na sala de aula, com a devida investigação embasada em princípios teóricos, pode, segundo Mialaret, obter ligação existente entre a formação pedagógica do educador, a metodologia de ensino e sua formação acadêmica. De acordo com Horn (2007, p. 60), “a proposta pedagógica da escola deve ter como objetivo central do seu trabalho, ensinar e aprender através da ludicidade”.

O conhecimento, pautado num referencial teórico e o conhecimento com base em suas vivências e experimentações, estabelecem uma ponte entre a concepção do lúdico e da elaboração do plano de aula a se gerir em sala de aula.

Sustenta-se a opinião de que o professor utiliza-se em suma, de elementos metodológicos de prática, e muito poucos métodos sistematizados, haja vista a súbita reação do decorrer dos jogos, perante a diversidade e homogeneidade dos alunos compostos em sala (KULISZ, 2006).

O educador deve buscar o conhecimento sobre o que faz e sobre o que motivo o faz, visando o domínio dos instrumentos pedagógicos, para melhor adaptá-los às novas exigências das novas situações educativas.

O lúdico exercita elementos como profilaxia, exercícios, desenvolvimento de habilidades e potencialidades, fundamentos de planejar e antecipar jogadas, como ainda, distúrbios específicos de aprendizagem como discalculia, motricidade, dislalia entre alguns outros (RAU, 2011).

Rau (2011) argumenta que a prática pedagógica, atentar-se a duração do jogo e envolvimento das crianças conjumina não apenas métrica de pauta, como possibilidade de estimular suas competências de criação, autonomia, criticidade, expressão ao desenvolver diferentes formas de linguagem, dispor seu domínio dialético num jogo de trava-línguas, associativa semiótica num jogo de memória ou pintura em painéis.

Delimitar alunos de mesmo tamanho, capacidade de conhecimento de jogo, coordenação motoras diferenciadas, talvez nem seja paliativo de bom prosseguimento de jogo. Em dados momentos, criança um pouco maior que a outra possa transpor uma barreira, enquanto a menorzinha possa se esconder com mais facilidade, ou acessar um local com minúcia de agachamento.

Outros alunos conhecerem menos o jogo possa ser um treino ao senso de colaboração, onde articularia mais de um líder, o que raciocina mais e o que possui disposição física melhor. Na prática, o professor precisa sutilmente observar a disposição do grupo e discretamente orientar dicas, mas sem que se quebre a essência das ideias iniciais de jogo do grupo.

Conforme Oliveira (2011), a ótica do conhecimento teórico sobre o lúdico revela dois grandes teóricos da educação, Piaget e Vygotsky, a compreender a parte lúdica, como parte da vida da criança. Os jogos sensório-motor (escravos de Jó-soco-soco-bate-bate-desenho cego)-jogos simbólicos (pedra-papel-tesoura, gato mia, fantoches) jogo de regras (damas, amarelinha, jogo da velha) e jogos de construção (rimas, palavras cantadas, maquetes a partir de descrições) propiciam processos contínuos e ao mesmo inter-

relacionados de compreensão de processos de desenvolvimento, proporciona ao aluno descobrir possibilidades e aprendizagem.

No desenvolver da prática, cabe-se o professor incumbir-se como mediador do processo para que a criança tenha um norteador em:

- Como começar o jogo;
- Como aprender as regras do jogo;
- Cuidados posturais (para não ter cansaço no meio do jogo ou lesar o corpo);
- Gestuais (para ser bem interpretado e ter melhor comunicação , além de saber esconder suas jogadas para que o adversário não perceba) ;
- Procedimentais (uso devido do brinquedo, no trato com o amigo, no momento certo de escutar o professor e/ou colega, otimização do uso do espaço e do tempo existente na sala);
- Prosódia: Para que o jogo não pare no meio, por falta de avisos de regra do meio do jogo (gato mia, etc.), passar comandas importantes de procedimentos para o outro, saber interpretar bem o que fala;
- Otimização;
- Espírito de cidadania;
- Respeito com o meio ambiente e com as pessoas que o cercam;
- Explamar combinados de condutas, direitos e deveres na sala;
- Gerenciar o tempo;
- Definir a limpeza e organização e encerramento da brincadeira.

De acordo com Costa (2005, p. 45), “a palavra lúdico vem do latim *ludus* e significa brincas. Nesse brincar estão incluídos os jogos, brinquedos e brincadeiras e a palavra é relativa também à conduta daquele que joga que brinca e que se diverte”.

Costa (2005) afirma que muito se pode trabalhar com os alunos no aspecto de recurso pedagógico em relação ao método lúdico: Estimular raciocínio lógico, autonomia, ampliar a elaboração de estratégias, aprimorar funções neuro-sensório motoras, desenvolver percepção e aumento de repertório, aprender a lidar com a ansiedade, saber perder e competir, aguçar criatividade, dialética, oratória e retórica.

O lúdico pode, aliado ao contexto artístico, o espírito ecológico de observar texturas, criar outras facetas de jogos, que permitam ambientes, manuseios mais impetuosos, devido a forte durabilidade de suas matérias primas (carrinho de garrafa pet,

trenós de chapas de madeirite , aproveitamento de outros brinquedos quebrados e reutilizados, etc.

Azevedo (2011) argumenta que executar outras alternativas de aplicação de conhecimento, por meios lúdicos-artísticos, traz um fôlego a criança, que desabafa, em exaustão de métodos tradicionais, ao quase final de expediente, estar cansada de explanações passivas e sem possibilidades de interação.

Nessa perspectiva, o processo de ensino-aprendizagem busca possíveis intervenções que permitam propiciar ao aprendiz a oportunidade de pleno desenvolvimento em todas as instâncias de aprendizado, desde a audição, percepção, sensibilização, acomodação, assimilação e execução do aluno.

C conforme Oliveira (2011), o símbolo é uma representação mental de objetos do meio externo, como por exemplo, a imagem mental de uma árvore o nome de um utensílio.

Cabe ao professor, no que for preciso, e os familiares atenderem, realizar entrevistas para denotar o rendimento do aluno, fazer anamnese de seus procedimentos e forma de encarar os demais colegas, e, dentro do possível, orientar sobre a pluralidade cultural.

Segundo o teórico Howard Gardner, cada ser humano possui uma tendência, aptidão ou verve mais aprofundada á um componente de aprendizado, seja interpessoal, sinestésico, espacial como conhecimento de mundo, tanto mais, pela multiculturalidade de cada indivíduo (SANTOS, 2004).

Na aprendizagem das diferentes áreas do conhecimento, destaca-se com expressão entre as questões da prática pedagógica de professores. O autor Friedmann utilizou-se de tal temática para estimular o desenvolvimento de diversos componentes curriculares e promover a transdisciplinariedade específica (ALMEIDA, 2005).

O uso do jogo como meio de superar obstáculos, saber lidar com as derrotas, elaborar estratégias para atingir determinadas metas, ao passo que neste contexto, o aluno consegue visualizar e obter semiótica e prática holística em notar contextos simbólicos e transformar em regras e opções de desenvoltura e propositura, frente às propostas da aula.

Ainda conforme Almeida (2005), antecipar resultados, criar hipóteses, analisar vitórias como instrumento de aperfeiçoamento e a derrota como um estágio a se melhorar, a refletir os erros e repensar os próximos passos, são habilidades cognitivas, de que o raciocínio, habilidade mais trabalhada no momento do jogo, propicia ao estudante. Nestes

passos, a metodologia de ensino com o uso do lúdico artístico, perfaz a preocupação em como o método de ensino pode prosperar, deixando de lado o raciocínio de como o aluno poderá aprender.

Metas da secretaria da educação, projetos desencontrados, falta de diálogo faz com que o propósito do jogo se perca, pois o aluno carrega consigo as habilidades não trabalhada devidamente por ocasião de afastamento de professoras que se desvincularam da sala e seguiram aula com professora de postura totalmente diferente a professora anterior, desvinculo com a realidade e expectativas que a criança carrega consigo, por intermédio de estímulos incorretos e focar somente na vitória, quando isto não procede objetivo epistemológico.

Para Oliveira (2011), uma sugestão do teórico Vygotsky é descobrir habilidades durante situações de brincadeira. O alfabeto e a mecânica de letramento deve ser percebida como instrumento importante na vida de cada um, de forma tão disforme, que possa-se ilustrar uma linda narração de história, uma interação de jogo de mapa de tesouro, palavrinha cruzada, enfim, o sistema de letramento perder a aparência rústico e amedrontador para a criança, como algo que ela jamais poderá aprender, como elemento agregador e ingrediente também para incrementar as brincadeiras lúdicas, onde se pode possibilitar diferentes linguagens para sua fixação e aprendizado.

Para Freire (2002, p. 69), "o jogo como desenvolvimento infantil, evolui de um simples jogo de exercícios, passando pelo jogo simbólico e o de construção, até chegar no jogo Social [...]."

Portanto, brincar é uma experiência que possibilita à criança demonstrar sua personalidade, uma vez que são manifestas ação e imaginação, é despertada também para conseguir seus objetivos. Nos jogos, é possível repetir e criar regras, errar e começar de novo. Na educação infantil o professor é o mediador na construção do conhecimento.

Os jogos, segundo Kishimoto (2007), podem obter caráter de conteúdo cultural e, no proceder da sala de aula, os alunos incorporam conhecimento e coesão das regras, a partir da interdisciplinaridade e da construção do ambiente harmônico construído na relação entre os colegas. Em duas partes práticas, a autora Kishimoto, ainda salienta do jogo proporcionar prazer e quebra de paradigmas, como a perda da timidez e resoluções rápidas.

“É o adulto, na figura do professor, portanto, que na instituição infantil, ajuda a estruturar o campo das brincadeiras na vida das crianças” (BRASIL, 1998, p. 28).

O projeto pedagógico, ajustado para a inclusão, com ênfase ou com a presença destas crianças, norteia um currículo aberto, da qual se inclui, , desde os aspectos básicos que envolvem os fundamentos sociopolíticos e filosóficos que norteiam a educação até os marcos teóricos e referenciais técnicos e tecnológicos que a concretizam no ambiente.

Equiparando princípios e operacionalização, teoria e prática, planejamento e ação. Essas definições iniciais para a elaboração do projeto pedagógico da escola e de concepção curricular estão vinculadamente ligadas à educação para onde se almeja atingir a todos os cidadãos.

O caráter político e cultural reflete os interesses, as aspirações, as dúvidas e as expectativas da comunidade escolar. Busca encontrar reflexo na cultura escolar e na expressividade cultural, de currículo abrangente e inclusivo (BRASIL, 1998).

Para Oliveira (2011), a escola com possibilidade inclusiva, requer um currículo dinâmico que permita ajustar o fazer pedagógico às necessidades dos alunos. Para tanto, se faz necessário atentar para as necessidades especiais dos alunos, para que sejam atendidas no âmbito de escola regular, requerido que os demais sistemas educacionais modifiquem, não apenas as suas atitudes e expectativas em relação a esses alunos, mas diversificar e flexibilizar o processo de ensino-aprendizagem, de modo a atender às diferenças individuais dos alunos.

A identificação das necessidades educacionais especiais para justificar a priorização de recursos e meios favoráveis à sua educação, permite a adoção de currículos abertos e propostas curriculares diversificadas, ao invés de uma concepção uniforme e homogeneizadora de currículo, o que permite a flexibilidade quanto à organização e ao funcionamento da escola, para atender à demanda diversificada dos alunos, aproximando assim, a possibilidade de incluir professores especializados, serviços de apoio e outros, não convencionais, para favorecer o processo educacional, como atualmente algumas escolas municipais abrem licitação de concursos ou por meio de atribuições legais , a inserção destes profissionais nas redes de educação.

Para Kulisz (2006), ainda que se esteja pensando no conceito viável da inclusão, tal fundamento coloca em destaque a adequação curricular como elemento dinâmico da educação para todos e sua viabilização para os alunos com necessidades educacionais especiais. Atente-se nas características especiais destes alunos, para que possamos flexibilizar a prática educacional num atendimento coletivo e propiciar seu progresso em função de suas possibilidades e diferenças individuais.

Pensar em adequação curricular significa considerar o cotidiano das escolas, levando-se em conta as necessidades e capacidades dos seus alunos e os valores que orientam a prática pedagógica. Para os alunos que apresentam necessidades educacionais especiais essas questões têm um significado particularmente importante.

Vygotsky (1998) atribuiu relevante papel ao ato de brincar na constituição do pensamento infantil, mostrando que é no brincar, jogar que a criança revela seu estado cognitivo, visual, auditivo, tátil e motor. A criança por meio da brincadeira constrói seu próprio pensamento (OLIVEIRA, 2011).

“A criança que é estimulada a brincar com liberdade terá grandes possibilidades de se transformar num adulto criativo” (SANTOS, 2004, p. 114).

Além das figuras tradicionais da arte, como fotografia, escultura, cinema, televisão e outros de caráter artístico, mas com coprodução corporal, como a dança, teatro, música, e ,atualmente , a internet e as obras de arte de interação estão em meio ao nosso cotidiano visual e /ou protagonista (TATIT; MACHADO, 2011).

A oficina de amassar bolinhas de jornal, colar e proporcionar fantoches viabiliza a autonomia e a criação da criança, após a audição de uma narração de estória, a possibilidade de criar e fazer uma releitura pessoal de como seria o personagem.

Benefícios gerados pelo uso da música na educação infantil de 0 a 3 anos

É na interação com o ambiente que a criança constrói seu conhecimento e sua personalidade, transformando o que vê, sente, vivencia e experimenta, isto é, imagens, símbolos, sons, canções e outras manifestações culturais.

A música, em uma escola comprometida e tendo um professor interessado em valores significativos de formação, pode contribuir bastante para que a criança interaja com seu mundo e seus semelhantes, expressando seus sentimentos, sua sensibilidade seu humanismo.

Conforme Bennet (2006) é tão grande a influência da música que pode-se crer que ela pode ser utilizada como objeto de estímulo no processo de uma educação mais prazerosa, quebrando o paradigma da educação enfadonha. Neste caso, há uma aproximação de uma linguagem jovial, moderna e tecnológica, sem esquecer-se da velocidade da informação, que é característica desta geração. A música é utilizada como

forma de sensibilizar o outro para uma causa de terceiro, por isso, une-se o útil, informação educacional, e o agradável, musicalidade.

O objetivo da música na Educação Infantil é levar as crianças a interagirem e se expressarem por meio de diferentes linguagens (oral, escrita, plástica, musical e corporal). A experiência com a música antes da alfabetização é muito importante e produtiva como auxiliar no trabalho pedagógico.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) aponta o que deve ser a música para a Educação Infantil:

[...] a música na instituição infantil não é só cantar musiquinhas para guardar brinquedos, lanchar, na Páscoa, no dia dos pais, etc. Produzir e pensar músicas significa escutar e identificar sons vocais e não vocais, improvisar, ouvir diferentes estilos musicais, realizar experiências sonoras, movimentar-se, tocar, explorar os sons corporais, compor músicas, manipular objetos, movimentar-se e deslocar-se de acordo com a música. (UNESCO, 2005, p. 22)

A música é uma importante forma de expressão humana. Deve ser trabalhada em sala de aula, com os alunos, pelo professor de Educação Infantil. A música deve contextualizar dando significado ao conteúdo que se quer ensinar.

Segundo Rosa (2008), são várias as possibilidades de se utilizar a música e o professor deve pensar em como estabelecer relações entre as músicas e os conteúdos a serem trabalhados, bem como a assuntos e questões que digam respeito à realidade cotidiana vivenciada pelos alunos, procurando a contextualização.

A música contribui para o desenvolvimento da criança, uma vez que ela é capaz de sacudir, invadir e impor o jeito de ser da criança. Snyders (2008, p.82) mostra isto quando afirma: “a música nos agarra, sacode, invade, até impor-nos um determinado jeito de ser”.

A música é capaz de entrar na alma das pessoas. Sendo assim, se uma pessoa for questionada a respeito do que a música representa na sua vida, muitas lembranças virão à tona. Músicas que acalentaram e as que em algum período da infância marcaram a vida dessa pessoa.

Jeandot (2005) afirma que a música penetra na alma dos seres humanos, no seu coração e no corpo inteiro.

É de fundamental importância que as crianças tenham oportunidades de vivenciar situações que lhe possibilitem criar e descobrir diferentes sons. Desta forma, Craidy e

Kaercher (2007, p.130) afirmam: “As crianças precisam ter experiências concretas com objetos que emitem sons, instrumentos musicais ou outros e formar um vocabulário específicos para se referir a eventos sonoros”.

A música é uma grande aliada dos professores quando se fala no ensino de regras de comportamento e limites para as crianças. Com a música em sala de aula, os professores podem desenvolver o prazer de ouvir música, proporcionar momentos de prazer, desenvolver a criatividade, a socialização e a autonomia. A criança aprende a cantar ao mesmo tempo em que aprende a falar.

Conforme Feres (1998), é na interação com o ambiente que a criança constrói seu conhecimento e sua personalidade, transformando o que vê, sente, vivencia e experimenta, isto é, imagens, símbolos, sons, canções e outras manifestações culturais. Percebe-se que a música, em uma escola comprometida e tendo um professor interessado em valores significativos de formação, pode contribuir bastante para que a criança interaja com seu mundo e seus semelhantes, expressando seus sentimentos, sua sensibilidade seu humanismo.

A música não é para ser vista como uma atividade lúdica somente, mas, como estratégia pedagógica para desenvolver competências no aluno, para que ele possa se apropriar das várias culturas existentes, de modo autônomo, sem o domínio das ideologias.

De acordo com o material desenvolvido pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação Cultura e Ação Comunitária – CENPEC, a música colabora com o controle emocional e auxilia a área da saúde, como recurso terapêutico. Tem forte papel social, ajudando a integrar membros de um grupo. Contribui para que as crianças e adultos aprendam a atuar com o próprio corpo, a afirmar-se em relação a si mesmo e ao outro. A música ajuda a aprender a ser, a conviver, a fazer e a conhecer (CENPEC, 2002).

Conforme Brito (2003), nos anos de 1800 a educação musical já estava sob desenvolvimento de ideias e propostas para se tornar disciplina escolar. Mas só nos anos de 1960, com as inovações da música, a abertura do mundo sonoro, uso de novos instrumentos e materiais não convencionais possibilitaram outros enfoques metodológicos para uso da música na escola.

Para a mesma autora, é na interação com o ambiente que a criança constrói seu conhecimento e sua personalidade, transformando o que vê, sente, vivencia e experimenta, isto é, imagens, símbolos, sons, canções e outras manifestações culturais.

Percebe-se que a música, em uma escola comprometida e tendo um professor interessado em valores significativos de formação, pode contribuir bastante para que a criança interaja com seu mundo e seus semelhantes, expressando seus sentimentos, sua sensibilidade seu humanismo.

Segundo Feres (1998), “a música é uma grande aliada dos professores no ensino de regras comportamentais relacionadas às crianças e também mostra os limites delas, de uma forma natural e sem trauma. Existem muitas canções para o início da sociabilização”.

Para a mesma autora, com a música em sala de aula, os professores podem, entre outros objetivos: desenvolver o prazer de ouvir e fazer música; proporcionar momentos de prazer; contribuir para resgatar o nosso patrimônio cultural, utilizando canções folclóricas e populares; desenvolver a criatividade, a socialização, a autonomia. A criança aprende a cantar ao mesmo tempo em que aprende a falar.

Perceber gestos e movimentos sob a forma de vibrações sonoras é parte da integração com o mundo em que se vive. É o barulho do mar, o vento soprando, as folhas balançando, o martelo batendo, máquinas barulhentas, vozes, poesia, música. O sentido da audição foi, desde o princípio, responsável por significativa leitura das coisas do mundo, já que sons e silêncios são portadores de informações e significados (BRITO, 2003).

Quando a criança nasce ela já entra em contato com o universo sonoro que a cerca: sons produzidos pelos seres vivos e objetos. Sua relação com a música é imediata, seja através do acalanto da mãe e do canto de outras pessoas, seja através dos aparelhos sonoros de sua casa.

Jeandot (2005), afirma que a relação da criança com a música é imediata, seja através do acalanto da mãe e do canto de outras pessoas, seja através dos aparelhos sonoros de sua casa. Na escola, a música pode fazer parte das atividades didáticas em forma de jogos musicais, os quais podem ser de três tipos, que correspondem a três fases do desenvolvimento da criança.

No primeiro tipo de jogo, o sensório-motor, que envolve a compreensão dos gestos e dos sons, a criança poderá encadear gestos para produzir sons e ouvir música expressando-se corporalmente. A imitação é muito importante para o desenvolvimento sensório-motor. Como segundo tipo de jogo, a autora aponta o simbólico, que consiste em jogos através dos quais a criança representa a expressão, o sentimento e o significado

da música. Enfim, como terceiro tipo de jogo, Jeandot coloca o analítico ou de regras, que são jogos que envolvem a estrutura e a organização da música (JEANDOT, 2005).

A importância da história no cotidiano das crianças é inquestionável. Ouvindo e, depois, criando histórias, elas estimulam sua capacidade inventiva, desenvolvem o contato e a vivência com a linguagem oral e ampliam recursos que incluem o vocabulário, as entonações expressivas, as articulações, enfim, a musicalidade própria da fala.

Crianças até 3 anos gostam de ouvir histórias e, neste sentido, contar histórias mediadas pela música é um instrumento pedagógico relevante.

Os bebês e as crianças pequenas em geral gostam de ouvir alguém que canta, conta ou narra algo para elas mesmo que ainda não entendam corretamente seu significado. Aproveitando este gostar, deve-se trabalhar a música na Educação Infantil, uma vez que ela possibilita os desenvolvimentos motor, cognitivo, afetivo, social e cultural da criança.

Dentre os tipos de músicas significativas e prazerosas para se trabalhar com as crianças, pode-se citar aquelas que exploram sons da natureza, instrumentos musicais e composições clássicas, as canções de ninar ou acalantos, aquelas que exploram movimentos ajustados a um ritmo, à interação, à imitação e ao reconhecimento do corpo, aquelas que exploram diferentes formas de contagem, as que exploram temas da natureza e sociedade e outros temas, as cantigas de roda ou cirandas, entre outros.

Educação infantil de 0 a 3 anos mais atraente e alegre por meio da música

As aulas na Educação Infantil de 0 A 3 anos podem ser mais atraentes e alegres quando se introduz a música no contexto a ser estudado. Histórias podem ser sonorizadas e instrumentos musicais podem ser utilizados. Desta forma, a música funciona como exercício de percepção e discriminação auditiva, além de estimular a imaginação e a criatividade. A atividade musical na escola não deve parecer ser apenas uma tarefa a ser realizada.

Neste sentido, Brito (2003) aponta que instrumentos de percussão (tambores, chocalhos, reco-recos, triângulos, agogôs, caxixis, sinos, clavas, pratos, guizos, pandeiros, paus-de-chuva, xilofones, metalofones, castanholas, matracas) são muito apropriados ao trabalho escolar, assim como pios de pássaros, flautas de êmbolo, carrilhões etc.

Quando o professor da Educação Infantil trabalha música com seus alunos, eles desenvolvem a sensibilidade, o raciocínio lógico e a expressão corporal. Aprendem de modo informal e de maneira prazerosa. Estas aulas devem introduzir a magia do som, possibilitar que a criança execute atividades musicais de modo lúdico e prazeroso.

Durante as aulas, os alunos podem construir, com sucatas, instrumentos musicais, desenvolvendo assim, a coordenação motora. As crianças cantam e se divertem, aumentam seu vocabulário e ampliam seu contato social (SOUSA; VIVALDO, 2010).

O aprendizado de música favorece o desenvolvimento afetivo, aumenta a atividade cerebral, melhora o desempenho escolar e contribui para integrar socialmente a criança.

Toda atividade com música deve estar baseada na concepção construtivista, segundo Brito (2003):

- atividades que integram reprodução, criação e reflexão;
- reflexão sobre o fazer e o apreciar;
- percepção da contextualização das realizações musicais;
- invenção e interpretação de canções como meio de expressão e exercício musical;
- contato com brinquedos sonoros, instrumentos regionais, artesanais, industrializados, de outras culturas, pedagógicos;
- repertório musical que parte da legítima música da cultura infantil e integração com variados gêneros e estilos musicais;
- integração entre áreas;
- inserção de projetos musicais em sintonia com o desenvolvimento integral dos conteúdos trabalhados;
- respeito à expressão corporal das crianças, estímulo à improvisação e à criação de movimentos e consciência corporal.

O professor deve pensar em como estabelecer relações entre as músicas e os conteúdos a serem trabalhados, bem como a assuntos e questões que digam respeito à realidade cotidiana vivenciada pelos alunos, procurando a contextualização.

Quando o professor da Educação Infantil trabalha música com seus alunos, eles desenvolvem a sensibilidade, o raciocínio lógico e a expressão corporal. A criança se desenvolve brincando, aprende a respeitar regras, a trabalhar em grupo, a se comunicar e se expressar. Aprende de modo informal e de maneira prazerosa.

Para o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (BRASIL, 1998, p. 19): “Os jogos, as brincadeiras, a dança, a música e as práticas esportivas revelam, por seu lado, a cultura corporal de cada grupo social, constituindo-se em atividades privilegiadas nas quais o movimento é aprendido e significado”.

Com 1 mês o bebê ouve ruídos de alta frequência (voz fina e aguda de mulher) e permanece quieto com ruídos de baixa frequência (voz grossa de homem). A criança já observa atentamente quando alguém fala com ela e até pode imitar expressões faciais. Um móvel musical, ao mesmo tempo em que oferece um visual atraente para a criança, pode oferecer música ou sons, que ajudam no desenvolvimento da capacidade de ouvir, são ritmos suaves e repetitivos, que mostram à criança que pode ser hora de descansar (BRÉSCIA, 2011).

A partir de 2 meses a criança sorri e espera ouvir vozes, quem localiza na sua frente e não atrás, dá pontapés se está excitada e balança os braços e aprende que um evento acompanha outro. Diante de variados sons, aproveite para estimular a criança e seu senso de audição, pegue as mãos dela e gentilmente bata palmas, acompanhando a música, faça expressões faciais ao cantar ou imite sons. Cantarole, fale com a criança.

A criança com 3 meses se interessa por faces e reconhece a mãe, pode pegar objetos e chacoalhá-los, assim, ofereça uma chacoalho, movimente, produza som, a criança deve tentar, para aprender sobre causa e efeito. Telefones de brinquedo com som também servem. Mantenha contato, converse, cantarole, produza sons, imite, sempre olhando a criança de frente.

Aos 4 meses de vida a criança já reconhece pessoas familiares, sorri, produz ruídos, observa as mãos, ainda não coordena o olhar com o movimento de alcançar, mas já fecha os objetos com as mãos. A criança pode se entreter com sons “bobos” e caretas, tente imitar som de animais, as crianças vão imitar e ambos se divertem. Mantenha conversas, bata palmas com as mãos da criança (BRÉSCIA, 2011).

Com cinco meses a criança rola, quer pegar as coisas, mas precisam estar em movimento, sorri para outros bebês e no espelho. Já domina um brinquedo nas mãos e se for com som, fica mais divertido. O domínio das mãos já permite trabalhar ritmos, bater palmas seguindo um som. Continue cantarolando, conversando, imitando sons, toque flauta, assovie suavemente se puder, vá acostumando o ouvido da criança a sons agudos e graves.

Com seis meses o bebê consegue sentar com ajuda e até fica sentado sem auxílio, por pouco tempo, produz barulho e grita ao mesmo tempo, procura coisas que caem, interage com atividades que são centradas nele. É hora de intensificar o uso do som, de modo mais interativo, trabalhando ritmos, expressões, imitações (BRÉSCIA, 2011).

Com a música em sala de aula, os professores podem, entre outros objetivos: desenvolver o prazer de ouvir e fazer música; proporcionar momentos de prazer; contribuir para resgatar o nosso patrimônio cultural, utilizando canções folclóricas e populares; desenvolver a criatividade, a socialização, a autonomia. A criança aprende a cantar ao mesmo tempo em que aprende a falar.

Com sete meses o bebê Já usa o dedão para puxar coisas, engatinha, fica em pé apoiado, reconhece vozes, o nome, emite sons diferentes, se movimenta bastante, de modo que se deve usar sons ritmados, acelerados. Usar movimentos ao cantar para a criança, usar brinquedos sonoros com músicas infantis, ritmos variados, permitindo que a criança se movimente bastante (JEANDOT, 2005).

A criança começa a articular sons aos 8 meses, com vogais e se movimentar com sons em qualquer língua, já sabem que o que está oculto ainda existe, engatinha, tentar ficar em pé suportado em algo. É o tempo das crianças construírem a competência de linguagem, assim, quanto mais palavras ouvirem, mais palavras se tornam familiares e mais a criança consegue dar sentido às coisas. Use a música para trabalhar nomes de cores, animais, formas, que estão à vista. A criança já fica em pé apoiada, senta sozinha e se estica para pegar objetos, pega objetos e traz para si, tem muitos movimentos variados e começa a fazer sinais, levanta os braços para ser pega e chacoalha uma colher pedido comida.

A criança já pode ser trabalhada com palavras, frases e histórias, para construir a linguagem, articulando som e palavras. Conte histórias com musicalização, reforce palavras e sons, use as sílabas com som. Não somente ofereça músicas, mas trabalhe as palavras nas músicas (BRÉSCIA, 2011).

O trotar de cavalos, as vozes dos animais, os sons da natureza, sibilar, assoviar são ótimos exercícios vocais, que ficarão ainda mais interessantes se inseridos em contextos expressivos, ou seja, numa canção, história, diálogos, fragmentando vogais, consoantes, sons agudos, graves, etc.

A criança já caminha com dez anos segurando as mãos de uma pessoa, responde a comandos, sabe quando há uma surpresa numa música, adora brincadeira de tapar o rosto e dizer, depois, achou!, começa a procurar coisa que caíram (BRASIL, 1998).

Nesta fase a ideia de imitação começa a criar raízes, a criança vê o que o outro faz e imita, está na hora de desenvolver a imaginação e desenvolver a linguagem e autoconfiança, na medida em que ela percebe que pode fazer coisas.

Pode-se utilizar os sons que fazem parte do dia a dia da família da criança e da escola, o rádio, a TV são fontes de sons, os mais variados e, muito importante, articulado com imagens, a criança vê alguém dançando no ritmo de uma música e vai imitar.

O Bebê de 11 meses já se movimenta, em pé, com a ajuda dos móveis, sem precisar auxílio de um adulto, seu balbuciar já apresenta características da língua falada, tem confiança no sentar e levantar conhece a palavra não, mas ainda não consegue repetir. Promova o desenvolvimento da linguagem da criança e a envolva em conversas iniciais, chame-a ou ajude-a a chamar suas bonecas e animais de pelúcia, introduza os números, cantarole canções com ritmos: “o trem de ferro quando sai de Pernambuco vai fazendo fuço-fuco”. “Sete e sete são catorze com mais sete vinte e um” (BRASIL, 1998).

A Criança na faixa de 12 a 18 meses já anda, mas cai com certa frequência, explora as coisas com objetividade, junta ideias e faz planos, seu comportamento interativo começa a fluir, aperta botões, afaga bichinhos de pelúcia. Adora empurrar e puxar. Prepare espaços livres para que a criança possa se movimentar, ter confiança nos movimentos, equilíbrio, cuidados com fios e cordas.

A criança de um ano gosta de outras crianças, mas não brinca com elas, a imaginação corre a solta e é hora dos jogos do faz-de-conta, de ir ao shopping fazer compras, fazer comida, falar no telefone, varrer.

Criança de 18 meses a 2 anos se move bastante, caminha para frente, de lado e para trás e pode correr, puxa um brinquedo pela corda, pedala, combina movimento dos pulsos com o andar, atira bolas, encaixa formas perfeitamente, empilha blocos, faz rabiscos, brinca com massinha, tem reações aos seus modos, mostra alegria e frustração e pode ser orgulhosa, tem um vocabulário de 50 a 200 palavras, podendo adicionar muitas em uma semana ou nenhuma, segue ordens, sabe do passado e imagina o futuro.

A música nesta fase desenvolve muitas competências: motricidade, linguagem, interação, socialização, escrita, oralidade. É tempo de dançar em roda, ouvir histórias com

sonorização, dançar acompanhando música, tocar instrumentos simples, principalmente os que fazem barulho (BRÉSCIA, 2011).

As crianças podem questionar, inventar, dramatizar e sonorizar a situação, enriquecendo uma interpretação de uma canção popular.

Criança de 2 a 3 anos pula, rola e anda para cima e para baixo da escada num pé só e sabe o que é perigoso e o que é seguro. A socialização começa a ficar importante, principalmente na questão de seguir regras. Na verdade, nesta fase, ela precisa de alguém para impor limites e muita atividade. Diz o que vai desenhar e muda o plano original com frequência, imita as pessoas e o que fazem, sabe o que é fora, dentro, em cima, cria sentenças simples, segue regras simples e pode mudar o que está fazendo se perceber que não é o certo (SNIDERS, 2008).

A criança pode construir instrumentos musicais simples, participar de teatros musicados, rodas de dança, roda de leitura otimizada por música. Com o uso de um xilofone, pode-se tocar a Minha Canção e inventar ou descobrir outras melodias.

As atividades lúdicas, como a música, são uma forma da livre expressão nas crianças. É na interação com o ambiente que a criança constrói seu conhecimento e sua personalidade, transformando o que vê, sente, vivencia e experimenta, isto é, imagens, símbolos, sons, canções e outras manifestações culturais. A música é um processo contínuo de construção, envolvendo o perceber, o sentir, o experimentar, o imitar, o criar e o refletir (BRASIL, 1998).

A música chama a criança para a aprendizagem e conseqüentemente para o conhecimento, de forma prazerosa, auxiliando no desenvolvimento do corpo, da mente, da razão, da sensibilidade, da informação, da estética e do processo de socialização, podendo ser utilizada como entretenimento ou no contexto de sala de aula, tornando-a uma grande ferramenta para a alfabetização. A música “Abecedário da Xuxa”, é um exemplo de música, que trabalha as letras do alfabeto.

Considera-se que as cantigas de roda são importantes e enriquecedoras, pois são transmitidas de geração para geração, preservando os aspectos culturais. As cantigas trazem um mundo fascinante que permite sonhar, pensar e criar, além das atividades de expressão musical e corporal que permitem com que a criança aprenda por si mesma, sobre o que o corpo é capaz de fazer, como se expressar (JEANDOT, 2005).

As cantigas de roda podem ser trabalhadas com as crianças estimulando a interpretação da música, além de trabalhar o equilíbrio e a coordenação motora, já que

elas vão rodar no pátio, fazer coreografias conforme a música. Incentivar que criem novas coreografias é importante também. Essas cantigas ajudam no desenvolvimento da oralidade das crianças. A Ciranda Cirandinha é um exemplo clássico de união da música com a ludicidade, com o movimento, com a linguagem. Também a Canoa Virou e Marcha Soldado.

Considerações finais

O trabalho forneceu subsídios teóricos para educadores e educadoras, que pretendam tornar suas aulas mais atraentes, mais alegres e mais propensas a facilitar o desenvolvimento infantil, tendo como instrumento pedagógico a música. Neste aspecto, foi possível caracterizar a ludicidade e a educação infantil; caracterizar a Disciplina Artes; reconhecer a relevância da música e sua competência lúdica e de formação integral e apresentar atividades da música com intencionalidade educacional.

A música é uma das áreas do conhecimento que possibilita que a criança se desenvolva desde seu primeiro mês de vida nas suas diferentes dimensões, ou seja, cognitiva, afetiva, social psicomotora e cultural. A música é parte natural da vida e os sons estão em toda a parte, seja natural ou não.

A musicalização, além de ser capaz de transformar as crianças em indivíduos capazes de fazer uso dos sons musicais, propicia que elas criem novos sons, a partir dos três meses de idade, imitando, se comunicando, aprendendo.

Por meio da música pode-se proporcionar que a criança desenvolva a fala, a socialização, a inteligência, a capacidade inventiva, a expressividade, a coordenação motora e tato fino, a percepção sonora e espacial, o raciocínio lógico, matemático e estético. O letramento também é facilitado por meio do uso da música na pré-escola, pois as músicas com textos aumentam o vocabulário, desenvolvem a linguagem oral, entre outras competências.

Observa-se que ao se permitir que a música faça parte das atividades em sala de aula, de modo planejado, embasado em teorias, estruturado como estratégia pedagógica, se estará tornando relevante a educação infantil como parte integrante da educação básica, já que pode vir a proporcionar preparação para a aquisição de competências da leitura e escrita nas crianças.

Julga-se que a escola pode contribuir para que os alunos se tornem ouvintes sensíveis, amadores talentosos ou músicos profissionais. Incentivando a participação em shows, festivais, concertos, eventos da cultura popular e outras manifestações musicais, ela pode proporcionar condições para uma apreciação rica e ampla, em que o aluno aprenda a valorizar os momentos importantes em que a música se inscreve no tempo e na história.

Referências

- ALMEIDA, P.N. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo: Loyola, 2005.
- AZEVEDO, AC.P. **Brinquedoteca no diagnóstico e intervenção em dificuldades escolares**. Campinas,SP: Alínea, 2011.
- BENNETT, R. **Uma breve história da música**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRÉSCIA, V.L.P. **Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva**. 2 ed. revisada. São Paulo: Alínea, 2011.
- BRITO, T.A. **Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral da criança**. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- CENPEC. **Centro de Estudos e Pesquisas em Educação Cultura e Ação Comunitária**. Artes. Brasília: MEC, 2002.
- COSTA, S. **A formação do professor e suas implicações éticas e estéticas**. Psicopedagogia on line. Educação e saúde mental. 28 de junho de 2005. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigo/artigo.asp?entrID=692>> Acesso em: 10 dez. 2017.
- CRAIDY, C.M.; KAERCHER, G.E. **Educação Infantil: pra que te quero**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- FERES, J.S.M. **Música e movimento**. Jundiaí, SP: JSMF, 1998.
- JEANDOT, N. **Explorando o Universo da Música**. 3. ed. São Paulo: Scipione, 2005.
- KISHIMOTO, T.M. (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2007.
- KULISZ, B. **Professores em cena: o que faz a diferença?** Porto Alegre: Mediação, 2006.
- OLIVEIRA, Z.M.R. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2011.
- RAU, M.C.T.D. **A ludicidade na educação: uma atitude pedagógica**. Curitiba: Ibpex, 2011.
- ROSA, L. **A Pedagogia da Música**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

SANTOS, S.M.P. **Brinquedo e infância: um guia para pais e educadores em creche.** Petrópolis: Artmed, 2004.

SNYDERS, G. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SOUSA, J.V.; VIVALDO, L. **A importância da música na Educação Infantil.** 2010. P@rtes Revista Eletrônica. Disponível em: www.partes.com.br/educacao/musicanaei.asp. Acesso em 10 dez. 2017.

TATIT, A.; MACHADO, M.S.M. **300 Proposta de Artes Visuais.** São Paulo: Loyola 2011.

UNESCO, Banco Mundial. **A criança Descobrendo, Interpretando e Agindo sobre o Mundo.** Série Fundo do Milênio para a Primeira Infância Cadernos Pedagógicos; 2 Brasília, 2005.

WOODWARD, J. **Jogos e treinamentos de inteligência.** Título original: Train your Brain to be a Genius. São Paulo: Girassol, 2010.